

## **SUSPENDER O CÉU E IMAGINAR O AMANHÃ: MOTIVO PARA UMA RODA DE CONVERSA.**

**J**aneiro. Ocasão de reorganizarmos o espaço escolar para acolhermos os que chegam. Jardins, pátios, salas de aula, equipamentos foram cuidadosamente renovados. Com a Covid19, artefatos tecnológicos e medidas sanitárias se fizeram necessárias e mostraram como, no cotidiano escolar, a inventividade se faz presente.

Estamos em um ponto crucial da história humana, pois a pandemia virou nossas vidas de ponta cabeça. A esperança em extrairmos lições do sofrimento transformou-se em sonhos estilhaçados. A Covid19 agudizou problemas de um sistema marcado pela opressão estrutural. Ampliou a desigualdade, atingindo pessoas e grupos racializados.

Em meio a perplexidades e questionamentos, sentimo-nos provocadas a refletir a respeito de como chegamos até aqui e a buscarmos alternativas para fazermos do cotidiano escolar, espaço de luta e de resistência, gestando, no presente, um novo futuro.

Com essa proposta, chamadas a resistir e esperar (Freire, 2000), começamos uma conversação com os *praticantespensantes* de nossa escola, mergulhando no hoje em busca de outros sentidos para a existência e para o *ensinaraprender*.

Iniciamos esse processo com uma Roda de Conversa com alunos do Ensino Médio. A explicação da dinâmica teve como pano de fundo uma imagem que impactou os alunos, motivando-os à participação.

*Que palavras definem para você o mundo de hoje?* Foi a nossa primeira indagação. E as palavras chegaram por escrito: *caos, repressão, esperança, revolução, incerteza, guerra, complexidade, desigualdade, ignorância, hipocrisia, aprendizagem, beleza, feiura, egocentrismo, maldade, egoísmo, alienação, opressão, injustiça, preconceito, incoerência, destruição, solidão, expectativa*. Na sequência, abrimos espaço para quem desejasse comentar a sua escolha. Rompendo o silêncio, uma aluna destacou a desigualdade e a incoerência como marcas da contemporaneidade. Outra jovem colocou o passado e o futuro em diálogo, chamando atenção do grupo para as interrogações daí derivadas.

A questão seguinte provocou um certo desconforto: *Quais são os seus maiores temores?* Uma jovem apontou o temor de não ser livre em suas escolhas em função de pressões externas, posição avalizada pelos colegas. Outras respostas enfatizaram escolhas profissionais equivocadas, comprometendo não só essa área como a pessoal. Chamou-nos a atenção a inquietude, compartilhada pelo grupo, da existência de um universo paralelo que permite adentrar-se em um metaverso e se ausentar da vida cotidiana. Foi pontuado, também, o excesso de tecnologia, comprometendo a experimentação da vida em suas múltiplas dimensões.

A pergunta *quais os seus maiores sonhos para um novo amanhã* trouxe à cena o filme *Não olhe para cima* e o romance *O conto de Aia*, gerando reflexões sobre as ameaças que nos rondam. Na mesma linha, foi citada a música *Índios*, da Legião Urbana, cujos versos provocam o debate a respeito da subjugação e invisibilização do outro na sociedade.

A última pergunta *como a escola pode contribuir para a construção de um novo amanhã* mobilizou profundamente o grupo. Entre as respostas, destacaram-se a crítica aos currículos praticados no Ensino Médio e a expectativa de que escola ajude os alunos a descobrirem um sentido para as suas vidas e a fazerem escolhas para o futuro com mais segurança e serenidade. Neste momento, ainda que o foco das falas dos jovens tenha sido o próprio futuro, percebemos suas inquietações com o amanhã do planeta e da vida que nele habita. Ao longo da conversa, o uso da tecnologia, a sustentabilidade, as desigualdades, a racialização das relações e a intolerância estiveram muito presentes.

Infelizmente, como estávamos tão mergulhadas nas falas, a intenção de registrar, em fotos, a atividade caiu no esquecimento.

Instigadas pelo que ouvimos e pelos não-ditos, cresceu em nós o desejo de ir além e dialogar com outros grupos de nossa escola, acolhendo questões, problematizando-as e agregando ideias inovadoras para reinventarmos a vida, na perspectiva de mudanças.

Em um tempo no qual saídas individuais para questões socialmente experimentadas são enfatizadas, muitos desafios se colocam para aqueles que não se deixam aprisionar pelo que está posto. A compreensão de que tudo e todos estão interligados em uma comunidade de destino exige novas práticas.

Acreditamos com Krenak (2020 p. 28), que "quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo para respirar". Suspende o céu é ir além do aqui e do agora. É abrir-se a novos horizontes, tecendo outros sonhos. Sonhos que trazem o "ainda não" (Bloch, 2005) e nos impulsionam para o futuro. Sonhos de tantos que, como nós, se empenham na luta por um mundo mais justo, sensível e fraterno.

Sonhos dos que apostam na força da resistência que nasce nos microespaços e se espalha pelas redes nas quais a nossa existência se dá.

### **Referências:**

BLOCH, Ernst. *O Princípio Esperança*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed UERJ, 2005

KRENAK, Ailton *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras. 2020.

### **Sobre as autoras:**

**Geni Nader Vasconcelos** – Mestre em Educação pela UERJ. Coordenadora do Grupo de Estudos Memória Identidade e Espaço. Coordenadora Pedagógica do Colégio Nossa Senhora das Dores (Nova Friburgo-RJ). Fundação D. João VI.

**Jean Beatriz Wermelinger** – Mestre em Educação pela UERJ. Grupo de Estudos Memória Identidade e Espaço. Diretora do Colégio Nossa Senhora das Dores (Nova Friburgo-RJ).